NOSSOS SELVAGENS SÃO MELHORES DO QUE OS DOS OUTROS: IMAGENS DE POVOS INDÍGENAS E PROJETOS DE COLONIZAÇÃO NA *HISTÓRIA DA NOVA-FRANÇA* DE MARC LESCARBOT

BEATRIZ PERRONE-MOISÉS
Universidade de São Paulo

No início do século XVII, os franceses retomaram a colonização de territórios norte-americanos que haviam sido explorados ao longo do século anterior. Em 1604, o fidalgo Pierre du Gua de Monts obtém de Henrique IV, rei de França, o monopólio do comércio da costa atlântica canadense, região denominada, ao longo do período colonial, Acádia. No século XVII, os franceses estabeleceram duas colônias na América do Norte: a Acádia, que corresponde às atuais Províncias Atlânticas do Canadá, cedida aos ingleses por tratado, em 1713, e a Nova-França, no vale do rio São Lourenço, atual província de Québec, que se expandiu, no final do século XVII, em direção à região dos Grandes Lagos e ao vale do Mississippi-Misouri, tomada pelos ingleses em 1760. Em 1763, pelo Tratado de Paris, a França reconheceu definitivamente o domínio inglês sobre suas colônias norte-americanas.

No momento em que a Acádia foi fundada, a colonização do Novo Mundo já tinha um século de história, e um século de histórias; o olhar dos europeus já estava marcado por uma vasta (e avidamente consumida) literatura americanista, cujos conceitos, imagens e reflexões se acrescentavam às referências clássicas e bíblicas que informavam o olhar dos primeiros viajantes. Marc Lescarbot (c. 1560-1642), advogado de formação, seguiu para Port-Royal, núcleo francês recém-fundado na Acádia, em 1606. Lá permaneceu até 1607, quando retornou definitivamente para a França, onde escreveu uma *Histoire de la Nouvelle-Fran-*

ce (*História da Nova-França*)[1], que incorpora o vasto material acumulado. Além das referências clássicas, reflexões filosóficas, médicas e etimológicas, que revelam o homem letrado, a *História* de Lescarbot contém referências constantes às principais obras americanistas então disponíveis, entre as quais podemos citar Bartolomé de Las Casas, José de Acosta, Jean de Léry, Jacques Cartier, Samuel de Champlain e René de Laudonnière[2]. Já na página de rosto, o autor se diz "testemunha ocular de parte das coisas aqui relatadas", indicando que, se, por um lado, sua obra contém informações de primeira mão — dado essencial, como se sabe, para garantir a credibilidade de toda obra acerca do Novo Mundo —, de outro, a longa história que traça só pode ser contada a partir da compilação de relatos de outros viajantes e colonizadores, eles também "testemunhas oculares" de coisas de outros tempos e outras regiões.

Partindo, assim, de sua experiência, de seus conhecimentos e dessas fontes, Lescarbot compara vários povos americanos uns aos outros, e estes a povos da Antiguidade. O último tipo de comparação, baseado em informações extraídas dos clássicos, era comum na literatura americanista desde o início do século XVI; Lescarbot utiliza, essencialmente, para comparar os costumes de povos americanos aos de povos da Antiguidade, uma das referências obrigatórias: a *História Natural* de Plínio, o Velho. O primeiro tipo de comparação é mais raro e interessa-nos de modo especial. Há ainda, na *História* de Lescarbot (1907-1914), muitas comparações com os próprios franceses, que constituem um *topos* inaugurado por Jean de Léry e cristalizado por Montaigne na reflexão acerca

1 Nas fontes, a denominação Nova-França se aplica, na maior parte dos casos, a todos os empreendimentos coloniais franceses na América; assim, a *História da Nova-França* de Marc Lescarbot, que é aqui analisada, inclui um livro dedicado à França Antártica e outro à igualmente mal-sucedida tentativa de colonização huguenote na Flórida. A Nova-França propriamente dita, bem como a França Equinocial no Maranhão, foram fundadas pouco depois da Acádia e não figuram, portanto, na obra de Lescarbot. A primeira edição da obra é de 1609, mas é a edição de 1617, com aditamentos e correções, que costuma servir de referência. Neste artigo, utilizou-se uma edição bilíngue (francês arcaico/inglês) de sua *História*, baseada na edição de 1617, e publicada em três volumes. Para as citações (que traduzo), indicarei apenas o número do volume e a página.

2 Bartolomé de Las Casas, *Brevisima Relación de la Destrucción de Indias*, 1552; José de Acosta, *Historia Natural y Moral de las Indias*, 1590; Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil*, 1578; Jacques Cartier, *Voyages*, 1598; René de Laudonnière, *Histoire Notable de la Floride*, 1567; Samuel de Champlain, *Des Sauvages*, 1603 e *Voyages*, 1613.

dos povos americanos. Resulta daí uma imagem de índio variada e variável, como veremos.

As comparações, presentes ao longo de toda a obra, concentram-se no sexto e último livro, "Contendo os costumes e modos de vida dos povos da Nova-França, & a relação das terras e mares de que se fez menção nos livros precedentes" (III: 345-459). Cabe notar, inicialmente, que nem sempre é possível, nessa obra, dizer com segurança a qual povo indígena o autor se refere. Lescarbot faz vários comentários generalizantes acerca dos "selvagens", que tanto podem inspirar-se em outras fontes quanto em sua própria observação e reflexão; não surpreende, porém, que a fonte não seja claramente distinta nesse tipo de imagem, já que "selvagem" (como "primitivo", mais tarde) era um conceito compartilhado. Além disso, há momentos em que o autor transita entre comentários referentes a um determinado grupo acadiano e qualificações aplicáveis aos grupos da Acádia e da Nova França indistintamente, ou ainda, aos americanos em geral.

Da profusão e superposição de comparações e julgamentos presentes na obra de Lescarbot, é possível extrair um gradiente classificatório dos povos americanos, cujos extremos, que chamaremos "bons selvagens" e "maus selvagens", são ocupados, respectivamente, pelos Micmac, povo de língua algonquina habitante da Acádia, e os Tupinambá da costa brasileira. Num movimento curioso das imagens, os mesmos Tupinambá que deram origem ao mito do bom selvagem aparecem aqui como os "piores" selvagens, "selvagens" propriamente ditos. Além de constituir, por si só, matéria para reflexão quanto ao lugar dos "selvagens" no pensamento europeu (especialmente francês), esse contraponto constante entre Micmac e Tupinambá torna especialmente valiosa para nós, brasileiros, essa obra dedicada a uma experiência colonial francesa na América do Norte.

Comecemos pelos Micmac, os Souriquois das fontes francesas: habitantes da península de Gaspé, costa atlântica da Acádia (atualmente Província da Nova Escócia, Canadá), "nossos selvagens", como diz Lescarbot, os "bons selvagens" de sua classificação. Os Souriquois, que provavelmente já vinham mantendo relações comerciais com europeus por mais de um século[3], recebem De

3 Quando o explorador francês Jacques Cartier chegou à região, em meados do século XVI, fora recebido por dezenas de canoas micmac carregadas de peles a serem trocadas por

Monts e sua comitiva com a hospitalidade que tanto impressionara os europeus por toda a América. Lescarbot os descreve dotados de um "coração realmente nobre e generoso, não possuindo nada de forma privada, e todas as coisas em comum, que habitualmente presenteiam (e com muita liberalidade, segundo seus meios) àqueles que amam e honram" (II: 574).

Ao longo de toda a obra, só se lêem elogios aos nobres Souriquois, modelos de bons selvagens: generosos, hospitaleiros, leais, sinceros. Contrariamente ao que se pode pensar, diz Lescarbot, repetindo um clichê da construção discursiva do "bom selvagem", eles não só nada têm de selvagens, como "possuem tudo o que o ofício de humanidade possa requerer, se não mais" (III: 457). Um dos indícios seguros de humanidade é a inteligência, ou razão, como se dizia então; Lescarbot não perde nenhuma ocasião de apontar demonstrações de inteligência por parte de "seus selvagens" e chega a retratá-los como superiores, nesse sentido, a muitos de seus compatriotas: "não são nenhum pouco néscios como muitos por aqui: falam com muito discernimento e razão" (I: 230).

Munidos, por natureza, de virtudes cristãs e civilizadas, como todo bom selvagem que se preza, os Souriquois, generosos, são desprendidos das coisas terrenas (III: 454, *passim*), simples (III: 384), comedidos e sóbrios (III: 405). Seguindo o roteiro pré-estabelecido da construção da imagem, Lescarbot vê neles exemplos a serem seguidos por muitos europeus que se dizem cristãos e descreve-os como cavaleiros, no sentido mais nobre da palavra: "são galantes e bons guerreiros [...], o que, somando-se à coragem, constitui perfeição" (III: 447), são, na guerra, de uma resistência e frugalidade notáveis e "temem a desonra e o opróbrio [...], temor esse irmão da Virtude" (III: 417).

No retrato desses homens naturais recupera-se inclusive a conhecida idéia da longevidade que acompanha a então já velha visão paradisíaca da América: "esses povos [Souriquois e seus vizinhos] vivem muito, geralmente cento e quarenta ou cento e sessenta anos. E se tivessem nossas comodidades para viver

---

mercadorias européias (Trudel 1963: 78 e ss.), gesto que a historiografia interpreta, de forma unânime, como prova inequívoca de familiaridade prévia com os europeus e com seus interesses.

de forma previdente, e a indústria de colher no verão para o inverno[4], creio que viveriam mais de trezentos anos" (III: 405).

Membertou, grande chefe dos Souriquois e grande aliado dos franceses, tem, diz Lescarbot, "mais de cem anos de idade" (III: 321). Além da longevidade, outros traços (ou ausências) evocam o estado de natureza oposto ao "mundo corrompido" que Lescarbot queria deixar para trás quando partiu para a América (II: 531). Felicidade é um deles: "esses povos são tão felizes em seu modo de ser que não o trocariam pelo nosso" (I: 248).

Mas a qualidade mais louvada dos Souriquois é seu modo "civilizado" de lidar com os inimigos: "perdoam mulheres e crianças", "demonstram mais humanidade do que o fazem às vezes os Cristãos" e, principalmente, "são mais humanos que os Brasileiros, já que não comem seus semelhantes" (III: 448-49). Se essa é sua qualidade mais louvada, é justamente porque nela se encontra a radical oposição aos "maus selvagens".

No outro extremo do gradiente de selvageria, no pólo negativo, encontram-se, pois, os povos Tupi da costa brasileira — descritos, entre outros, por Jean de Léry[5] — e outros Brasileiros[6]. Os campeões de selvageria são os "Ou-etacas", "o povo mais bárbaro de todos": correm mais depressa que os animais, comem carne crua, evitam qualquer contato, falam uma língua incompreensível e não cortam os cabelos (I: 311-12). Negação absoluta da humanidade-civilização, os Ouetacas evidenciam total ausência de culinária, de modos e de reciprocidade, em suma, são anti-sociedade. São natureza pura, animais entre animais; todos os selvagens são saudáveis e ágeis, mas os Brasileiros parecem ser possuidores de uma vitalidade (III: 380) cuja descrição evoca, para o leitor, o mesmo tipo de

4 Lescarbot insiste reiteradamente na necessidade do cultivo agrícola para o sucesso da colônia. Os Micmac, como aliás os povos algonquinos em geral, não eram agricultores e isso poderia constituir uma mácula numa imagem de resto tão luminosa, não fosse pelo fato de os franceses dessas colônias tampouco serem dados à agricultura. Ambos, índios caçadores-coletores e franceses mercadores, estão sempre unidos nessa censura à ausência de plantio. Quanto à previdência, o "colher para o inverno", todos os povos da região setentrional da América do Norte faziam provisões para os longos invernos, mesmo que nem todos as "colhessem". Mas isso não evitava a penúria quando os invernos eram excepcionalmente longos e rigorosos.

5 Sua *Viagem à Terra do Brasil*, publicada pela primeira vez em 1578, teve outras quatro reedições em francês e três em latim antes de 1600.

6 Mantém-se aqui a nomenclatura utilizada pelo autor, para evitar confusões: o termo Brasileiros, em sua obra, refere-se indistintamente a todos os povos da costa do Brasil, assim como o termo Floridianos, que inclui todos os povos habitantes da Flórida.

força animal que os velozes Ouetacas. Cabe notar que os Ouetacas, não-Tupi, são descritos a partir da óptica de seus inimigos, os próprios Tupi da costa, e as diferenças e inimizades que os separam uns dos outros ficam bem claras no texto de Léry (1994: 152-156). No texto de Lescarbot, porém, todas as imagens de Brasileiros (Tupinambá ou não) se sobrepõem, de modo a levar o leitor a considerá-los, em bloco, como "maus selvagens".

Os Margajas (Maracajás), Tupi, não são muito melhores na leitura de Lescarbot; são "horrivelmente medonhos", devido às incisões que fazem no rosto (I: 311). A "deformação" dos corpos é outra marca da selvageria dos Brasileiros, que "nascem tão belos quanto os outros homens [mas] costumam deformar-se por artifício [...], porém na Flórida, e em toda a região deste lado do Trópico de Câncer, nossos Selvagens são em geral homens tão belos quanto os da Europa" (III: 374).

A nudez dos Brasileiros é outra marca de incivilidade ou não-humanidade: "os selvagens da Nova França têm mais probidade, pois que cobrem suas vergonhas" (III: 372). Incorrigíveis, os Brasileiros são inconstantes e, pior ainda, apóstatas[7]: "quando se lhes mostra que devem acreditar em Deus, concordam, mas logo em seguida esquecem a lição e retornam aos seus maus hábitos, o que constitui uma estranha brutalidade, a de nem ao menos quererem redimir-se da vexação do Diabo pela Religião. O que os torna imperdoáveis, ainda mais porque possuem alguns vestígios de lembrança do Dilúvio, e do Evangelho" (III: 357).

O sinal definitivo da barbárie mais absoluta é, porém, a antropofagia, "esse costume maldito e desumano de comer seus prisioneiros após tê-los bem engordado" (III: 396), que Jean de Léry relativizava, relatando fatos semelhantes (e, a seu ver, bem mais selvagens) na Europa, e que tampouco impedira Montaigne de construir o "bom selvagem". Os Tupinambá de Lescarbot são, definitivamente, muito diferentes dos de seus célebres conterrâneos e bem mais próximos dos impossíveis neófitos descritos nos textos dos jesuítas do Brasil.

Entre os melhores e os piores selvagens, o restante da América está, ao se ler Lescarbot, povoado de selvagens intermediários. Na América do Norte, os

7 A acusação de inconstância não constitui, de modo algum, algo próprio de Lescarbot. Veja-se, por exemplo, Viveiros de Castro 1992. De modo geral, a imagem dos Brasileiros em sua obra provém, como foi mencionado no início deste artigo, de uma leitura de fontes do século XVI.

floridianos e os povos algonquinos (excetuando-se os exemplares Micmac) têm algo de bom e algo de mau. Ao narrar a história da malograda colônia na Flórida, por exemplo, Lescarbot lembra que, num momento de extrema necessidade, os franceses contaram com a generosidade dos indígenas: "boa gente [que] com muita generosidade deu [aos franceses] tudo o que tinha, prometendo mais se preciso fosse" (I: 252). Os outros algonquinos, Etchemins e Armouchiquois, são bastante parecidos com os Souriquois e possuem, como eles, diversas qualidades positivas, mas são "traidores", "ladrões", "brutos" e "sangüinários" (II: 525, 559; III: 354). Dos Armouchiquois é especialmente difícil formar uma imagem nítida. Ao narrar um ataque destes a seus inimigos Souriquois, o texto de Lescarbot adquire o estilo clássico das descrições de bárbaros, feras com forma humana: "a insolência desse povo bárbaro foi grande após os morticínios por eles perpetrados, estando os nossos a entoar sobre os mortos as orações e rezas fúnebres costumeiras da Igreja, aqueles velhacos dançavam e urravam nas vizinhanças [...] essa gente má [...] uivando como lobos" (II: 564).

Samuel de Champlain (1603) descrevia os Armouchiquois como "homens selvagens, totalmente monstruosos"; Lescarbot cita-o para contradizê-lo, dizendo-os "tão belos quanto nós, bem feitos e dispostos" (II: 471, 472). Lescarbot parece claramente disposto a recuperá-los, já que busca as causas de serem "sangüinários e viciosos": "sua insolência — explica — provém do fato de se sentirem fortes, devido ao seu número" (III: 354). Contrariamente aos Tupinambá, canibais embrutecidos, os Algonquinos podem, assim, ser salvos.

Já os povos Iroqueses, inimigos dos Algonquinos em geral, "povo brutal" (III: 306), pendem mais para o "mau selvagem". Tendo em mente os critérios da classificação de Lescarbot, essa posição era previsível, já que os Iroqueses se aproximam dos Tupinambá por praticarem igualmente o canibalismo, com uma agravante, além do mais: as torturas previamente infligidas aos prisioneiros a serem comidos. "Nunca li — diz Lescarbot — ou ouvi falar de nenhum outro povo que se comportasse assim para com os inimigos" (III: 308). O canibalismo coloca igualmente os floridianos no setor negativo da selvageria, ao lado de Iroqueses e Tupinambá, e opostos aos indígenas da Acádia: "Nossos selvagens da costa marinha são mais humanos, e con-

tentam-se com a simples morte de seus inimigos, ou com os manterem como escravos" (III:311).

Ao lado da antropofagia, o outro critério da barbárie, que geralmente a acompanha, aliás, é o apetite de vingança. A vingança, razão declarada pelos Tupinambá para a guerra e a antropofagia, parece ser fundamental para outros povos indígenas: "todos esses povos bárbaros[8] geralmente buscam a vingança, que jamais esquecem, deixando, ao contrário, memória dela a seus filhos" (I: 245).

Desse furor vingativo que assola a América, nem os nobres Souriquois escapam e é esse o seu único desdouro: fazem guerra por vingança, "em memória de alguma injúria sofrida; esse é o maior vício que vejo neles, que nunca esquecem as injúrias" (III: 445).

De qualquer modo, comparados à extrema selvageria dos Brasileiros, todos os povos indígenas da América, "até mesmo os Virginianos e os Floridianos" são passíveis de civilização/conversão (III: 338): "os nossos e, de modo geral, todos esses povos até a Flórida inclusive, são muito fáceis de atrair à Religião Cristã [...] mas creio que será mais fácil entre os primeiros ["nossos"], porque não possuem nenhum vestígio de religião" (III: 354). Pouco antes, afirma: "Quanto aos nossos Souriquois, e outros seus vizinhos, só posso dizer que são destituídos de qualquer conhecimento de Deus, não adoram nada e não realizam nenhuma cerimônia divina, vivendo numa lamentável ignorância" (III: 353).

Tábula rasa, folha em branco pronta para ser inscrita, "nossos" ignorantes Souriquois poderão "crer em tudo que lhes for anunciado" (III: 353). Mas a ausência de religião não basta para que um selvagem seja recuperável: "No que diz respeito aos Brasileiros, creio, baseado no relato de Jean de Léry, que eles são semelhantes aos nossos, sem nenhuma forma de religião, nem conhecimento de Deus, mas que são tão cegos e embrutecidos em sua antropofagia que parecem não ser nada suscetíveis à doutrinação cristã" (III: 357).

Acompanhando o gradiente de selvageria, animalidade/humanidade, no grau de capacidade de conversão encontram-se, de um lado, os amáveis Souriquois,

8 Aqui Lescarbot fala dos floridianos, mas afirmações desse teor são feitas a respeito de outros povos.

e, de outro, os brutais Tupinambá. Todos igualmente ignorantes da Revelação, mas diversamente possuídos pelo Diabo: "Nossos Souriquois, Canadenses, e seus vizinhos, até mesmo os Virginianos e Floridianos, não se encontram tão embrutecidos pelos maus hábitos, e receberão facilmente a doutrina Cristã [...] eles não são, visivelmente, tão atormentados, surrados e torturados pelo diabo como o bárbaro povo do Brasil" (III: 358).

Entre Lescarbot e Léry, que, curiosamente, é a única fonte citada para essa imagem extremamente negativa dos Tupinambá[9], percebe-se grande diferença no julgamento das práticas "religiosas" dos indígenas[10]. Para Lescarbot, os Souriquois são "pobres selvagens" ignorantes, a quem é preciso levar a Revelação. A salvação das almas errantes dos selvagens, que aparece nos documentos oficiais da Acádia e da Nova França com o mesmo estatuto de motivo fundamental da colonização que possui nos documentos portugueses relativos ao Brasil, é reiteradamente afirmada por Lescarbot como missão dos cristãos na América. Se a conversão é possível na Acádia, torna-se cada vez mais difícil à medida que se caminha em direção ao sul: até atingir o extremo Tupinambá, os selvagens americanos mostram-se mais e mais inspirados, dominados e atormentados pelo demônio. O vazio de religião, que existe em todos, já tinha sido irremediavelmente preenchido pelo Mal nos casos irrecuperáveis. Embora trabalhassem pela recuperação dessas almas, os jesuítas no Brasil viam, como Lescarbot, "maus selvagens" nos Brasileiros. A aproximação poderia ser creditada ao fato de Lescarbot ser um representante do movimento de renovação católica que marca a França no século XVII. Católico fervoroso, Lescarbot era, porém, declaradamente anti-jesuíta (III: 330, 341). Na crítica aos jesuítas, em vários momentos revela uma tendência galicana, que se reflete, por exemplo, nos comentários

9 Porém, como vimos acima, Lescarbot parece misturar deliberadamente informações fornecidas por Léry acerca de povos Tupi e não-Tupi, transitando imperceptivelmente entre Tupinambá propriamente ditos e Brasileiros.

10 O relativismo de Jean de Léry, segundo Lestringant (1990), estaria diretamente ligado ao fato de ser protestante (huguenote) e não católico. A tese de Lestringant, que nos permitiria compreender imediatamente a diferença em relação a Lescarbot, que era católico, embora extremamente instigante e apoiada numa erudição notável, é contrariada pelo relativismo de muitos outros católicos franceses, que exprimem posições em tudo semelhantes às de Léry: basta pensar em Montaigne. Para uma discussão mais detalhada do relativismo nos autores franceses, ver Perrone-Moisés 1996: 185 e ss.

relativos à proibição de poligamia por imposição dos jesuítas, em que declara sua convicção de que as normas católicas devem ajustar-se aos costumes locais (III: 330-31)[11].

Não é na religião de Lescarbot, porém, que se há de achar a razão pela qual sua imagem dos Souriquois é tão positiva e, de modo correlato, os canibais exaltados por Montaigne são descritos por ele de forma tão absolutamente negativa. Lescarbot não escreve um relato de viagem, senão uma "História" das experiências francesas na América, baseada na compilação de fontes e em experiências vividas por ele mesmo na Acádia. Integrante de uma expedição oficial de colonização, Lescarbot redigiu uma obra que pode ser lida como um panfleto de propaganda em prol da colonização francesa. Assim, ele trata de comprovar a viabilidade do projeto em andamento na Acádia e a necessidade de empenhar esforços para que pudesse realizar-se. Não é por acaso que em sua obra se encontram classificados todos os povos indígenas americanos que estiveram no caminho dos franceses e nenhum outro.

A Acádia — cujo próprio nome pode ser remetido à idéia da propaganda colonial[12] — aparece, na obra de Lescarbot, como uma terra tão fértil quanto qualquer outra na América (ainda que mais fria), bela e transformável, mediante algum trabalho, numa agradável Nova França. E os "selvagens" da Acádia aparecem como os melhores selvagens, isto é, os mais facilmente colonizáveis/cristianizáveis dentre todos os povos americanos até então conhecidos pelos franceses. Numa passagem exemplar, Lescarbot reconhece que pode haver terras melhores, mas afirma que, "apesar das moscas", a sua Nova França é um lugar melhor do que qualquer outro na América, porque seus "homens são mais humanos e tratáveis, e nem um pouco antropófagos" (III: 426).

---

11 A tendência ao galicanismo — doutrina fundada na idéia de independência da Igreja Católica francesa em relação ao Papa, que incluía formas locais, francesas, de realização dos sacramentos — que se depreende do texto é confirmada pela posterior prisão de Lescarbot por ter colaborado com a publicação de uma obra anti-clerical (Trudel 1966: 73 n. 2).

12 Remetendo à Arcádia da mitologia grega, o navegador Verrazano havia sido o primeiro a nomear assim uma região da América, no caso, a Virgínia, pela beleza de suas árvores. O topônimo "viaja" pela costa atlântica norte-americana nos mapas do século XVI, com grafias diferentes — Arcádia (Arcadie), Acádia (Acadie) e "Cadie" — até fixar-se, entre o final do século XVI e início do século XVII, na costa canadense, oscilando, ainda durante as primeiras décadas do século XVII, entre Arcádia e Acádia (cf. Trudel 1963: 62).

Lescarbot procura, como diz Trigger (1986: 21), mostrar que o "bom selvagem" não povoa apenas o imaginário europeu, existe de fato e povoa a Acádia. Com a mesma preocupação de colonizar, outros autores deixam de lado a questão da "qualidade" relativa dos selvagens encontrados, para apenas "ler no comportamento indígena os sinais de uma colonização fácil" (Ouellet 1993: 77). As imagens, em todos esses autores, são instrumentais, na medida em que estão atadas ao projeto colonial. Mas Lescarbot não se contenta em afirmar a viabilidade da colonização, faz o esforço suplementar de redigir uma obra imensa e erudita em que as imagens dos povos indígenas são cuidadosamente construídas e comparadas para justificar um projeto específico de colonização.

Cabe notar, nesse sentido, que os Micmac, tão elogiados por Lescarbot, aparecem como maus selvagens na descrição de outro colonizador francês da América do Norte, Samuel de Champlain, em cujos escritos são os Huron, povo iroquoiano habitante do vale do rio São Lourenço, que ocupam o lugar de honra. O projeto de Champlain era penetrar no continente pelo vale, em busca das peles, cujo comércio viria a constituir a base econômica da Nova França propriamente dita. Para a instalação da colônia e para o comércio de peles, a aliança com os Huron seria essencial.

Finalmente, não é difícil perceber porque, no grande panfleto de Lescarbot pela colonização da Acádia, o selvagem mais selvagem, impossível de colonizar, é o habitante de um território que a França, após um século de insistência mais ou menos bem sucedida, abandonava então em definitivo: a costa brasileira. Esta região foi, como se sabe, o principal foco dos interesses comerciais e coloniais franceses ao longo de todo o século XVI e até o início do século XVII. Ao mesmo tempo em que o projeto acadiano era posto em marcha, outro projeto, bastante semelhante, porém mais ambicioso, estava sendo preparado no Maranhão, o da França Equinocial. Antes de concentrar seus esforços coloniais na América do Norte, já francesa de direito porque explorada no século XVI por Jacques Cartier, a França ainda tentou o Brasil pela última vez: a França Equinocial foi, como sublinham historiadores franceses e canadenses, o maior projeto colonial francês do início do século XVII. Com o avanço da colonização portuguesa para a costa norte e o desaparecimento de áreas não-ocupadas por europeus onde os franceses pudessem instalar-se, encerrou-se, em 1615, com a tomada do Forte

de São Luís pelos portugueses, o "sonho brasileiro". Para Marc Lescarbot, tratava-se de eliminar uma imagem poderosa de terra paradisíaca no imaginário dos possíveis colonos franceses que no início do século XVII nos portos da Normandia ainda preferiam os navios que se dirigiam à França Equinocial àqueles que se dirigiam à Acádia. Para que os franceses concentrassem todo o seu potencial colonial na América do Norte, tornando viável a recém-fundada Acádia, era preciso afastar a nostalgia daquela parte da América que Théodore de Bry (*apud* Lestringant 1990: 104) chamara de "província memorável": o Brasil.

BIBLIOGRAFIA

CHAMPLAIN, Samuel de. 1993 [1603]. *Des Sauvages.* Montréal: Typo.

______. 1922 [1613]. "Les Voyages". In *The Works of Samuel de Champlain* (H. P. Biggar, org.). Toronto: The Champlain Society. v. 1. pp. 191-469.

LÉRY, Jean de. 1994 [1578]. *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil.* Paris: Le Livre de Poche.

LESCARBOT, Marc. 1907-1914 [1617]. *Histoire de la Nouvelle France.* (W. L. Grant, org.) Toronto: The Champlain Society. 3 Vols.

LESTRINGANT, Frank. 1990. *Le huguenot et le sauvage.* Paris: Aux Amateurs de Livres.

OUELLET, Réal. 1993. "Premières Images du Sauvage dans les Écrits de Cartier, Champlain e Lejeune". In *L'Indien, Instance Discursive* (A. Gomez-Moriana & D. Trottier, orgs.). Québec: Ed. Balzac. pp. 53-79.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. 1996. *Relações Preciosas: franceses e ameríndios no século XVII.* Tese de Doutoramento, Departamento de Antropologia, USP.

TRIGGER, Bruce. 1986. *Natives and Newcomers: Canada's "heroic age" reconsidered.* Montréal/Kingston: McGill-Queens University Press.

TRUDEL, Marcel. 1963. *Histoire de la Nouvelle France. I: Les vaines tentatives (1524-1603).* Montréal: Fides.

______. 1966. *Histoire de la Nouvelle France. II: Le Comptoir (1604-1627).* Montréal: Fides.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1992. O Mármore e a Murta: sobre a inconstância da alma selvagem". *Revista de Antropologia* 35: 21-74.